

Igreja de São Miguel de Lousada: Requalificação de um imóvel tardo-medieval



No início de outubro de 2021 iniciou-se uma intervenção de requalificação e restauro do edifício da igreja de São Miguel de Lousada e de algumas estruturas e bens integrados. Esta ação foi promovida pela comissão fabriqueira da igreja de São Miguel, com o apoio e acompanhamento técnico da autarquia. Neste artigo apresenta-se uma contextualização histórica geral, fundamentando-se os trabalhos delineados e algumas opções assumidas.

Texto e fotografia

Cristiano Cardoso - Técnico Superior de História. CML.
cristiano.cardoso@cm-lousada.pt

Sofia Lobo, Mestre em Conservação e Restauro. Dalmática.
sofia.lobo@sapo.pt

1. A paróquia

O texto das inquirições de 1258 é muito esclarecedor relativamente à iniciativa de fundação desta igreja e à sua constituição como elemento organizador da vida espiritual e social de uma pequena comunidade de proprietários agrários livres que se estabelecera neste território, atualmente definido pela paróquia de São Miguel de Lousada. A fundação de igrejas particulares, para assistência espiritual de grupos populacionais organizados sob solidariedades vicinais e agrárias, constituiu uma prática frequente durante toda a Alta Idade Média. Esses *herdadeiros*, designação atribuída aos proprietários livres e aos seus herdeiros, estabelecidos, em tempos remotos, em São Miguel, terão sido os fundadores de uma igreja que mantiveram na sua posse durante um certo período de tempo e tinham por costume e obrigação dotá-la de tudo o que era necessário ao culto divino, incumbindo-lhes, igualmente, a prerrogativa de escolher o seu cura de almas, o pároco – estes benefícios enquadravam-se no âmbito dos direitos de padroado.

Esta função (de padroeiros) atribuía aos ditos herdeiros um prestígio social relevante sobre a restante comunidade, que se poderia traduzir em direitos exclusivos como o sepultamento no interior da igreja e a referida escolha do pároco, que, muito frequentemente, recaía sobre um membro da sua parentela ou da sua rede clientelar. Aos que não pertenciam ao grupo dos herdeiros, por norma, era exigido o pagamento de algum tipo de tributo, para garantir a manutenção do culto e o rendimento do prelado, assumindo-se, portanto, como uma vantagem económica que cabia aos padroeiros.

Em 1220 era referido que esta igreja detinha sete casais (em 1258 mencionam-se apenas seis casais e meio), bens patrimoniais, possivelmente, obtidos por legado pio dos fundadores ou dos seus descendentes, para o seu bem de alma e sufrágio espiritual. Este património fundiário da igreja gerava um rendimento estável, pois os casais eram cedidos para usufruto de lavradores caseiros aos quais era exigida uma renda.



Figura 1 Aspeto geral da igreja de São Miguel.

Daqui decorre a evidência de que a igreja de São Miguel, por meados do século XIII, detinha um valor económico e social relevante, suscetível de ser cobiçado. Assim se verificou quando, não muitos anos antes de 1258, um cavaleiro da principal nobreza da região, Martim Peres Leitão, de Lodares, juntamente com outros cavaleiros do seu séquito, se apropriou à força da igreja de São Miguel, reclamando-se seu padroeiro e usurpando os direitos dos mencionados herdeiros.

O testemunho de João Peres “Rabaldes”, possivelmente, um desses herdeiros aviltados, é demonstrativo da forma violenta como tudo se processou. O depoimento que prestou aos oficiais régios e que ficou registado nas atas das ditas inquirições de 1258, descreve que Martim Leitão ordenou um cerco à igreja, onde alguns homens se terão refugiado para a proteger, extorquindo-lhes as chaves. Desta forma, transitou a igreja para a posse e padroado dos cavaleiros de Lodares, a estirpe deste Martim Peres Leitão, sem que atendessem aos direitos dos herdeiros – *Johannes Petri rabaldus dixit quod tenuerunt illum cercatum in Ecclesia et flaverunt ei claves per forciam Martinus Leiton et alli Milites, et abbadaverunt illam sine ipsis herdatoribus.*

Cerca de um século depois, por meados de Trezentos, a igreja de São Miguel já surge mencionada como anexa, ou filial, da igreja

d'O Salvador de Aveleda, como viria a permanecer durante vários séculos. Por esta época, a igreja de Aveleda era do padroado régio, ou seja, o rei designava o pároco e detinha todos os demais proventos decorrentes desse direito. No âmbito das amplas doações que D. João I fez ao condestável D. Nuno Álvares Pereira, foi incluída a posse e padroado da igreja de Aveleda, levando a que este direito viesse a recair sobre a Casa de Bragança durante o século XV. Na qualidade de igreja filial, o pároco de São Miguel era indicado pelo abade do Salvador de Aveleda, situação que se verificou até meados do século XIX.

2. A Igreja

A igreja de São Miguel de Lousada está implantada numa ligeira elevação sobranceira ao dilatado vale da ribeira de Barrosas. A sua volumetria compõe-se de três corpos: capela-mor, corpo da igreja (nave) e sacristia. Estes três volumes correspondem a, pelo menos, três épocas construtivas bem diferenciadas.

O corpo da igreja, pelas suas características pouco comuns, sobressai de todo o conjunto. Este volume, pela análise da sua arquitetura e da escultura integrada, denuncia um programa do século XVI, em que, a par com algumas opções evocativas dessa época, se contém elementos e soluções que se enquadram em fases bem anteriores.



Figura 2
Portal principal.

O tratamento estético do portal principal, exibindo esquinas chanfradas e arranques ornados com motivos floridos, é característico do que se desenvolvia no século XVI. A configuração original do arco deste pórtico estava ocultada por um revestimento de argamassa de cimento que fora aplicado nas primeiras décadas do século XX, possivelmente para disfarçar o desgaste provocado nas pedras pelo cabo ou corrente de tocar o sino e pela erosão decorrente dos agentes climáticos.

No contexto da intervenção realizada entre outubro de 2021 e março de 2022, assumiu-se a remoção deste revestimento inapropriado, revelando-se a solução técnica e arquitetónica originária, que consistiu na adoção de um arco segmentado. Este tipo de arco, composto por aduelas altas e largas, com uma curta secção adintelada (intradorso horizontal), distingue-se pelo tratamento das primeiras aduelas, esculpidas com a função simultânea de imposta e de arranque da zona côncava do intradorso. Esta solução técnica, aqui adotada e muito difundida durante os séculos XV e XVI, confere com os restantes elementos constitutivos deste vão axial da igreja, reafirmando a cronologia apontada para este volume arquitetónico.

Os alçados expõem um número assinalável de silhares salientes, que, para além de conferirem maior sustentabilidade à estrutura, por estarem inseridos perpendicularmente à parede dupla, se afirmam como decorativos, muito ao gosto da época.

Figura 3 Cachorro esculpido com a representação de um moitão náutico.



Relativamente ao entablamento, que sustenta o vigamento do telhado, realce-se o tratamento da cornija e, especialmente, dos cachorros figurados. Pode observar-se cabeças de animais que se afiguram a primatas e felídeos, assim como um rosto humano. Mas o que mais ressalta nesta composição é a escultura de um moitão, presumivelmente, de poleame, ou seja, náutico. Estes elementos esculpidos apontam no sentido da implementação de uma iconografia relacionada com a expansão marítima e a desco-

berta de uma natureza diversa.

Não deixa de ser indiciadora uma tradição local associada a Nossa Senhora do Rosário, hoje colocada no altar do lado da Epístola, que também adota o nome de Nossa Senhora dos Navegantes, ou do Mar, existindo até uma barca de madeira, muito rudimentar, que servia para sair em procissão.

A capela-mor foi erguida no século XVIII, substituindo uma mais antiga, da qual não se observam vestígios. A sua construção foi determinada pelos visitantes que intimaram o pároco de Aveleda a reedificar a capela-mor, conforme a sua competência como padroeiro. No início do ano de 1778 a obra estava concluída, sendo emitida a licença para se benzer.

A sacristia atual foi construída, ou muito remodelada, na terceira década do século XX, embora seja de admitir a existência de uma dependência mais antiga no mesmo lugar. O retábulo-mor exibe um bom trabalho de talha barroca, sujeita a diversas campanhas de pintura e douramento. Este retábulo será proveniente da capela de N. S. da Penha de França que outrora existiu no lugar da Costa.

3. Trabalhos prévios e opções de intervenção

A remoção do coro-alto permitiu obter uma leitura total e inédita da configuração do portal axial, que revelou a pré-existência de um arco adintelado, correspondente ao momento de construção deste corpo da igreja, no século XV/XVI. Há cerca de 80 anos, este arco foi preenchido com acrescentos de cimento, que, pela vista exterior, conferiam uma falsa configuração de arco quebrado. Foi, ainda, possível determinar que o cimento aplicado teve uma função unicamente estética e não estrutural. Uma extensa área da frontaria da igreja também havia sido revestida de cimento, com a finalidade de eliminar os sulcos de desgaste que foram provocados pelos ganchos ou correntes de tocar os sinos, na medida em que o campanário da igreja se situa sobre a empena da fachada principal. Perante esta observação, considerou-se que seria adequado, neste contexto de intervenção, proceder à remoção total dos revestimentos em cimento que há décadas desfiguravam a fachada e a desvirtuavam da sua autenticidade e originalidade.

Ainda na sequência da desmontagem do coro-alto, ficou evidente o prejuízo que causava à espacialidade da igreja, à sua estética



Figura 5 Fachada principal da igreja (antes e depois).

e à própria segurança das paredes. Nesse sentido, reafirmou-se a opinião técnica inicial de não considerar a construção de uma nova estrutura.

A pia batismal, por sua vez, estava totalmente encostada à parede do cunhal nascente/norte, não permitindo uma visualização correta e impedindo a regularização e tratamento dessa superfície parietal. Optou-se por apelar este elemento, deslocando-o ligeiramente e renovando o espaço do batistério.

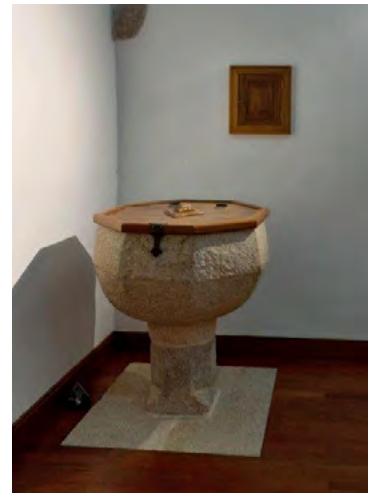


Figura 4 Pia batismal, século XVI (antes e depois).

4. Intervenção de Conservação e Restauro

A intervenção de conservação e restauro, que se concluiu em março de 2022, incidiu sobre o teto da nave, as sancas e sobre a fachada da igreja. O objetivo da intervenção na fachada foi devolver ao edifício um aspeto coerente com a sua cronologia retirando os elementos que prejudicavam a sua leitura estética, mas também ocultavam muitas patologias e potenciavam a degradação dos materiais originais. Removeram-se as argamassas de cimento Portland que cobriam parte dos paramentos e ampliavam o tamanho das juntas. As juntas foram refeitas com argamassas de cal de forma a respeitar os materiais constituintes do edifício e a melhorar o seu funcionamento como um todo. As pedras que se encontravam ocultas pelo cimento foram consolidadas e o arco reforçado pelo interior através da inserção de uma barra de metal inoxidável na zona mais debilitada. A fachada foi limpa e tratada preventivamente para reduzir o aparecimento de microrganismos nas superfícies.

O teto e as sancas sofreram uma intervenção de conservação e restauro profunda, todas as madeiras foram desinfestadas e consolidadas. As massas aplicadas anteriormente para colmatar fendas e fissuras foram removidas e substituídas por

madeira de baixa densidade de forma a permitir o movimento natural de retração e expansão das madeiras sem causar danos no suporte original. As madeiras de pinho e choupo aplicadas em intervenções anteriores e que se encontravam muito deterioradas, foram removidas e substituídas por novas madeiras de castanho. Para prevenir nova infestação do teto foi aplicado termicida em toda a zona de limite das sancas.

Durante a intervenção realizou-se um estudo das camadas de pinturas do teto, neste verificando-se a sobreposição de dois tons de azul e numa primeira camada uma coloração esverdeada. Nestas sondagens não se encontraram outros motivos decorativos para além do medalhão central. Este manteve a sua policromia original tendo apenas sofrido re integrações pontuais.

Atendendo à inexistência de motivos decorativos na primeira camada de policromia e pelo facto de grande parte das tábuas de fundo terem sido substituídas em intervenções anteriores, optou-se por manter a tonalidade de azul atual refazendo a pintura dos fundos e vigas que se encontrava em mau estado de conservação. O medalhão central e as sancas foram limpos e re integradas apenas as lacunas de policromia.



Figura 6
O interior do corpo da igreja (antes e depois).